

Resenhas

Resenha do livro: CYRULNIK, Boris. *J'aime le sport de petit niveau*. Paris: Le cherche midi, 2020



Marcelo Moraes e Silva

Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

e-mail: marcelomoraes@ufpr.br



Daniele Medeiros

Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República, Paysandú, Uruguay

e-mail: dmedeiros@cup.edu.uy

<https://export.cvuuy.uy/cv/?1f3fae2f63d84169e0bb15eee3f7051d>

Submetido em: 5 de novembro de 2023

Aceito em: 7 de maio de 2024

O livro intitulado *J'aime le sport de petit niveau*, escrito por Boris Cyrulnik e publicado em 2020, narra uma entrevista concedida pelo autor a François L'Yvonnet, realizada no *Institut National du Sport, de l'expertise et de la performance* (INSEP). A entrevista, organizada em forma de livro, divide-se em onze pequenos capítulos, onde o intelectual francês desenvolve seus argumentos sobre o esporte.

Boris Cyrulnik nasceu em 1937, na cidade de Bordeaux, formou-se em medicina pela Universidade de Paris e ingressou posteriormente como professor na Universidade de Toulon. A partir da década de 1990 se tornou uma celebridade da mídia francesa, principalmente pela publicação de obras sobre psicologia e história de vida. Ele é conhecido por suas contribuições para a psicologia e neurociência, particularmente em relação à resiliência humana e ao processo de superação de traumas, além de tratar de temas como o amor, a resiliência e, nesse caso, elaborar algumas reflexões sobre o esporte.

O livro analisado oferece ao leitor um amplo panorama sobre o fenômeno esportivo. Nesse contexto, seu primeiro capítulo é intitulado "*Pourquoi le sport?*", em que são apontadas algumas motivações que levam o ser humano à prática esportiva. No capítulo, são exploradas as motivações para a prática esportiva, desde sua emergência na Inglaterra do século XIX até sua relevância nas sociedades contemporâneas. No "*Préambule*" Cyrulnik fala da sua relação pessoal com o esporte, indicando que se trata de algo ligado ao amor e à afetação, sobretudo no que diz respeito ao rúgbi, destacando seu caráter social. Para ele, sua prática se divide em diferentes tempos: tempo de brincar com o corpo; um período festivo; um ritual e, por fim, a épica, que é, sem dúvida, em sua opinião, a parte mais importante de todo o processo.

No capítulo seguinte, denominado "*L'animal et le jeu*", Cyrulnik opta por tratar do esporte desde a definição de "ritual", sem o enfoque na "regra", destacando interações sociais. Ele observa como a tecnologia e a linguagem transformaram a natureza humana, permitindo escapar da condição animal. O autor afirma que esse processo oferece autoprazer, especialmente em sociedades narcísicas, onde o esporte pode ser uma válvula de escape e um fator de resiliência.

A temática da linguagem foi o elemento abordado no capítulo seguinte intitulado "*De l'acte à la parole*". Nesse momento, o entrevistado se remete à neurociência para enfatizar o papel que o esporte proporciona na formação no cérebro. Menciona também os mecanismos de aprendizagem psicomotora, reportando-se às contribuições de Jean Piaget no campo da Educação Física. Ele critica ainda o dualismo cartesiano, que separa corpo e mente, argumentando que Descartes se equivocou ao considerar o corpo mensurável e a alma imaterial.

No capítulo seguinte, "*Le sportif, un héros sacrificiel*", Cyrulnik destaca a relação entre esporte e heroísmo, mencionando seu papel político nos regimes fascistas, comunistas e capitalistas. Ele argumenta que os heróis esportivos representam localidades, assumindo riscos e sacrificando-se pelo coletivo. "*Une tragédie sociale*" é

o título do capítulo posterior, no qual, pela primeira vez durante a entrevista, o esporte de baixo nível de desempenho, ou seja, aquele praticado por pessoas comuns, é mencionado. Contudo, antes de entrar nessa discussão propriamente dita, o intelectual realiza toda uma retrospectiva histórica do esporte moderno para apontá-lo como um fenômeno repleto de rituais de interação.

No próximo capítulo, "*De la résilience*", Cyrulnik aborda a resiliência, destacando o esporte amador como ponto focal. Ele argumenta que no esporte de pequeno nível há uma conexão mais profunda e íntima com a prática esportiva, devido aos rituais cotidianos de interação social mais abrangentes. No capítulo "*Quelle école, quel dopagem*", Cyrulnik discute como a educação física pode prevenir a delinquência e promover encontros, abordando também o *doping*. Ele sugere que valorizar o esporte amador, focado na autorrealização e na transcendência, pode combater o *doping* no esporte de alto rendimento.

Na sequência, Cyrulnik discute a violência, destacando a ambivalência em relação à sua aceitação na sociedade contemporânea e no universo esportivo. Ele observa que, embora a violência seja encorajada em alguns contextos, também existem limites estabelecidos, especialmente no esporte, como, por exemplo, nos estádios esportivos.

No penúltimo capítulo, intitulado "*Inégalités et Catégories*", a entrevista circula em torno do esporte como uma fábrica de reprodução da desigualdade. Cyrulnik enfatiza que a desigualdade é um fenômeno não restrito ao esporte, e que mesmo sendo parte da vida humana pode ser combatido através de sua ambivalência. Na sequência da entrevista, o intelectual é questionado sobre as categorizações e classificações existentes no esporte, indicando que, apesar de necessárias, em muitos momentos são abusivas, e que devem ser repensadas.

No último capítulo, chamado "*L'empathie et la morale*", Cyrulnik é interrogado sobre a noção de moral. Nesse momento da entrevista, o autor enfatiza que prefere a noção de empatia

à de moral, pois ela é mais moral que o esporte. Dentro desse sentimento empático é que a entrevista é finalizada, com o argumento de que o esporte, principalmente o de baixo nível de performance, pode ser uma oportunidade, um espaço de prazer, de encontro e de realização pessoal.

Ao revisitar as considerações de Cyrulnik sobre o esporte, é crucial destacar que, embora tragam contribuições e reflexões interessantes, estas não são inéditas e ainda carecem de fundamentos filosóficos e científicos mais substanciais. O autor se insere em uma vasta corrente de pensadores contemporâneos que se apropriam do discurso esportivo, sem necessariamente contribuir para o desenvolvimento desse campo de estudo. Seus posicionamentos apresentam contradições, reafirmando um caráter vulgar nas análises a respeito do esporte, já que a maioria de suas afirmações não é referenciada e nem verificada. Trata-se de um intelectual que se situa dentro de um discurso proto-científico, que se esconde num suposto argumento de autoridade dado pelo reconhecimento midiático obtido no contexto francês. Ele se enquadra juntamente com outros pensadores, como Edgar Morin e Michel Serres, que, por conta do reconhecimento obtido no campo intelectual, consideram-se autorizados a falar sobre o esporte mesmo sem se apropriar das inúmeras discussões acadêmicas que analisam as lógicas internas e externas desse fenômeno. No Brasil, fenômeno semelhante ocorre com figuras de autoridade, a exemplo de Mario Sergio Cortella, Leandro Karnal, Luís Felipe Pondé e outros pensadores midiáticos, que apresentam argumentos simplificados sobre o esporte, valendo-se de suas credenciais acadêmicas, porém, sem nenhum tipo de aprofundamento no fenômeno. Por isso, é crucial adotar uma postura crítica e questionadora em relação a esses discursos, mesmo que venham de pessoas com credenciais acadêmicas.

As proposições do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2004; 2008; 2010; 2013) acerca da constituição do campo científico ajudam a analisar esse discurso proto-científico praticado por tais intelectuais. Para Bourdieu, o conceito de campo é uma ferra-

menta analítica que permite compreender a existência de espaços sociais fundamentais na dinâmica de produção cultural em diversas esferas (Bourdieu, 1983). O campo científico representa um desses espaços sociais, onde agentes como cientistas, pesquisadores e acadêmicos competem por reconhecimento e autoridade intelectual. Este *locus* social é moldado por relações de poder e dominação simbólica, em que diferentes atores disputam capital simbólico – o reconhecimento, a reputação e a validação dentro da comunidade científica mais ampla.

Bourdieu (2008; 2013) sustenta que em qualquer campo científico existe uma hierarquia de prestígio e reconhecimento que influencia a produção e disseminação do conhecimento. O sociólogo francês observa ainda que os agentes dentro desse campo empregam estratégias para acumular capital simbólico, como publicação em revistas de renome, participação em conferências e obtenção de financiamento para pesquisas. Sendo assim, o campo científico, como todos os outros campos, é um lugar de práticas. A perspectiva de campo rompe com a ideia da “comunidade científica” ao trazer à tona as exigências e as tensões existentes nos relacionamentos intracampos.

As reflexões sobre o universo esportivo, especialmente aquelas inseridas no contexto das ciências humanas, representam um campo de disputa entre o discurso científico, que busca validar o tema no contexto acadêmico, e os proto-científicos, frequentemente invadidos por pensadores que, embora não façam parte do campo em questão, elaboram reflexões superficiais, muitas vezes respaldados apenas por sua autoridade conquistada em outros espaços sociais, como, por exemplo, o midiático, com discursos amparados em sua reputação intelectual obtida em outros níveis. Essa problemática se aplica ao caso das reflexões de Cyrulnik: seu alcance midiático como pensador de destaque confere-lhe uma suposta *expertise* para discorrer sobre o esporte, um tema para o qual não demonstra aproximação, mas que, erroneamente, é considerado um campo de conhecimento de acesso universal, onde qualquer um pode opinar de maneira livre.

Desta forma, é necessário compreender a estrutura do campo, entendendo que ele organiza os agentes e instituições em posições hierárquicas de acordo com a soma dos capitais. “Isso significa que só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos ‘de onde ele fala’” (Bourdieu, 2004, p. 24). Nesse sentido, conforme aponta Moreira *et al.* (2022), compreender um campo significa entender as formas de funcionamento dele. Para que isto seja possível, é necessário identificar e posicionar os agentes e as instituições pertencentes ao referido universo, verificar quais são os tipos de capitais em jogo e como se constituem os *habitus*. Daí a importância de se conhecer a história deste espaço de lutas, suas forças e formas e os requisitos de admissão dos recém-chegados e de permanência nos postos de poder. Porém, não se pode deixar de considerar as possíveis influências de outros campos.

Nesse contexto, finaliza-se a presente resenha afirmando que os apontamentos de Cyrulnik sobre o esporte não deixam de ser de uma releitura neoliberal sobre o fenômeno, pois, mesmo indicando que seu objetivo seja o de desenvolver a empatia, utilizando principalmente o esporte baixo nível, o médico acaba por se sintonizar com o atual modelo social referenciado nas distintas camadas e esferas esportivas. Afinal, ele não questiona as práticas neoliberais dentro do contexto esportivo, reforçando, com isso, valores como a meritocracia e o empreendedorismo de si. Tal procedimento acaba por produzir um novo código moral em torno do fenômeno esportivo, que deixa intocado todo o sistema de desigualdade existente dentro desse cenário, tornando o discurso empático de defesa do esporte de baixo nível uma falaciosa tentativa de quebrar o modelo hegemônico.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. *In*:
BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. São Paulo: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. **Homo Academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

MOREIRA, T. S. *et al.* A sociogênese do subcampo científico da Educação Física brasileira: tensões no seu fazer científico. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [s. l.], v. 18, n. 39, p. 1-28, 2022. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1847>. Acesso em: 5 ago.2024.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.